

RelevO

jul/2019, n.11, a.9 • Periódico literário
independente feito em Curitiba-PR
desde set/2010 • ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de

romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique ou pelo contato@jornalrelevo.com.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos:

nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de autoria de Alez. Você pode conferir mais do trabalho dele em www.alezsite.wordpress.com.

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Robson Vilalba
Revisão: Mateus Senna
Projeto gráfico: Marceli Mengarda
Infografia: Bolívar Escobar
Logística: Thaís Alessandra Tavares
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 28/06/2019

Julho/2019

Disso de dinheiro

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 300 Celso Martini; R\$ 150 Aguiinaldo Severino; R\$ 100 Elieder Corrêa da Silva; Otavio Linhares; Priscila Frehse; Klaus Pettinger; Beatriz Cajé Bernardo; Victor Fermينو; Alberto Bresciani; R\$ 80 Murillo Medeiros; R\$ 90 Iza Magna Brito; R\$ 75 Henrique Jr.; Decio Zylbersztajn; Lia D'Assis; Renata Rocha; R\$ 70 Tiago Suchodolak; Mariana Salomão Carrara; R\$ 67 Eduardo Kutianski; R\$ 60 João Paulo Parisio; Vinicius Bopprê; Guilherme Gontijo Flores; Leonardo Costaneto; José Carlos Fernandes; Sérgio Pitaki; Lucas Silos; Tiago Feijó; Yuri Campagnaro; Julio Cesar Lima; Belisa Bagiani Pelizaro; Marcos Simão; R\$ 50 Andri Carvão; Robson Vilalba; Amanda Audi; Fernando Severo; Noemia Marques; Yvonne Dimanche; André Andrade; Rodrigo Melo; Mariana Cardoso Carvalho; Carlos Pessoa Rosa; Aryana Araújo; Mariele Groxko; Linaldo Guedes; Alef Brito; Sérgio Aral; Roberty Souza; Ivy Menon; Pedro Torreão; Claudine Duarte; Sebo Vinhedo; Luiz Antonio Guimarães Cancelli; Eliss de Castro; José Pedro Soares Martins; Ana Claudia Machado; André Villani; Gisela Johann; Érica Reis; Michelle Rinaldi; Juliana Berlin; Rafael Ginane Bezerra; Patricia Herman; Pedro Guedes Rafael; Sidnei Olivio; Guilherme Garrido; Sara Regina Albuquerque França Elza Oliveira Filha; Tays Ohana Cavalli; Giovanna Menezes

Faria; Natacha Koehler; Adriano Barreto Spíndola; Fernanda Serafin de Luca; Evelin L.; Marisa Alves de Souza; R\$ 47 Edson Gallo; Patricia Quartarollo; Renato Lacerda; João Pedro Gnoatto; Gustavo Piqueira; Rafael Azevedo Silva; Anderson Bonatto; Fábio Corrêa; Luana Silveira. TOTAL: R\$ 5.120

ANUNCIANTES:

R\$ 100 Sérgio Pitaki; William Soares; Editora Penalux; Kikos Bar; R\$ 50 Livrarias Joaquim; FISK, O Torto Bar; Gato Preto Livraria. TOTAL: R\$ 600

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.248
Escritório: R\$ 400
Entregadora: R\$ 50
Capista: R\$ 50
Embaladora: R\$ 50
Editor-executivo: R\$ 1000
Editor-assistente: R\$ 100
Mídias sociais: R\$ 350
Diagramação: R\$ 100
Infografia: R\$ 70

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 700
Embalagem: R\$ 200
Correios: R\$ 1330

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 25

(+) Entradas totais: R\$ 5.720

(-) Saídas totais: R\$ 5.673

(=) Resultado operacional: R\$ 47

Conselho Editorial

Alexandre Guarnieri
Ben-Hur Demeneck
Bruno Meirinho
Carla Dias
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Enilda Pacheco
Felipe Harmata
Gisele Barão
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga

Dos leitores

PÃO COM JORNAL

Alexandre Tiago Em tempos digitais, levar um jornal impresso de literatura para ler após o almoço é um ato de rebeldia cultural. E é isso que eu vou fazer hoje após terminar esse delicioso almoço: ler um jornal impresso de literatura.

TCHAU, TRIDAPALLI!

Greicy Bellin Eu já lhe disse, Cezar Tridapalli, que seu senso crítico é coisa rara nos dias de hoje. Espero sinceramente que o próximo ombudsman esteja à sua altura. Certamente sua ranzinze calculada contribuiu para melhorar o que já era bom. Parabéns.

Alessandro Castro Quem será o próximo ombudsman, gente?

Da redação: Nas próximas páginas, o fim do mistério!

Fernando Ferrone O **RelevO** é um jornal mensal especializado em literatura. Já está em seu nono ano, um verdadeiro feito para um periódico sem fins lucrativos que vive apenas da venda de assinaturas e de anúncios. Além da versão digital, disponível na internet, há também a física, muito bem feita. Meus parabéns ao *publisher* pelo excelente trabalho e sucesso sempre!
Da redação: Sem fins lucrativos porque não consegue!

Marcelo Scrideli O trabalho do periódico é muito bom! Praticamente um jornal literário anarquista. Adoro as abordagens dos textos publicados, a presença de novos e jovens autores, excelente.

Ana Aurora A entrega desse jornal é assim com todos os assinantes? Está demais esse atraso, pensei que fosse diferente. Desculpe, mas vou aceitar a proposta de devolver o que paguei. Perdi o interesse. Aguardo o estorno. Obrigada.
Da redação: Ana, realmente falhamos contigo. Mandamos, remandamos, não chegou. Infelizmente, dependemos de uma empresa de entrega que não gosta de se explicar muito.

Camila Fernandes Os 50 reais mais bem gastos da minha vida.

Cristina Bresser de Campos Este número de junho do **RelevO** está sensacional.

CAPA BOLIVARESCA

Conrado Gonçalves Eu assino esse

jornal! Recebo todo mês na minha casa. Nunca faltou boa leitura. A imagem das ondas é de um artista que sempre posto aqui pela minha taimelaine.

Luciano Portela A capa ficou lindona!

Jhoni Jhosep Sempre com capas belíssimas!

BRINDES E TAL

Johnes Gomes Estudamos muito, e às vezes recebemos um mimo desses: edição impressa do **RelevO** acompanhado de um livro de Luiz Claudio Oliveira. Muito obrigado! Para os apaixonados por literatura, o jornal trabalha apenas com isso.

CHEGA MAIS

Vini Remer Pensando em escrever um texto contando como eu sou fracassado e mandar pro **RelevO**.

Da redação: Aí apenas atualizamos o nosso editorial.

POR AÍ

Canto Geral Tem **RelevO** em Seropédica! O jornal se mantém independente, tem distribuição em mais de cem cidades do Brasil, e ficamos felizes de anunciar que Seropédica é uma delas! Todo mês recebemos alguns exemplares aqui na Canto Geral que disponibilizamos gratuitamente! Além disso, o Jornal pode ser assinado por 50 reais ao ano. Maravilha, né?

Sebo Edípoeira Em meio aos meios de comunicação virtuais e impressos, surge tardiamente nessas paragens sebísticas uma novidade, um jornal, impresso e ainda por cima literário (literalmente "por cima"), como o nome já diz: — Poderia ser diário? Sim, mas preferiu tomar um sentido atemporal com críticas, crônicas e poesias. Agradecemos a dica do sebo e espaço cultural O Alienígena pela ponte ou elevador, rs. Enfim, 'subemos'!...

Mari Já conhecem? Eu não conhecia e o pessoal super bacana que organiza o impresso me apresentou e adorei! Acho que sou meio velhinha, mas amei voltar a folhear um jornal impresso. As colunas são super interessantes, achei que a escrita de forma mais descontraída me deixou mais próxima ao assunto. Achei um barato um “índice” com cafeterias, livrarias e afins de algumas cidades. Parabéns, pessoal, muito bacana a ideia! Espero que a publicação continue crescendo e alcançando ainda mais público! Entrem em contato com

eles para maiores informações e assinatura! Eles enviam pelos correios! Adorei sair pra trabalhar hoje super cedo e encontrar o jornal na caixinha dos correios.

Igor Pontes Já ouviu falar do #jornalrelevO? Não? Senta aqui. O periódico literário independente colaborativo vindo diretamente de Curitiba-PR é uma grata surpresa para aqueles que gostam do improvável. Em poucas páginas somos contemplados com o que há de mais sublime na existência: a ironia, o sarcasmo e o nonsense. Tudo é transparente, os gastos, os assinantes, os anunciantes, quanto se tem, quanto se gastou e como e onde encontrar. A assinatura anual? 50 reais! Mais barato do que essas cachaças que vocês tomam dia sim e dia não.

Adriano Barbosa Textos fracos, na verdade.

Milton Rezende Gostei do texto "Não alimente os macacos", do Viegas Fernandes da Costa, no último número do **RelevO**.

CRISTINA BRESSER

Sibelle Deeke Li e curti muito o texto da Cristina Bresser na última edição. Ótima crítica. Em terra de tapados, como a nossa, tirar a venda faz bem.

TROCADILHOS: GOSTAMOS

Luiz Claudio Oliveira Chegou uma correspondência de **RelevO**.

Editorial

Um fenômeno mensal angustiante se repete nos bastidores do **RelevO**: as renovações das assinaturas. É um protocolo simples: vemos quais assinantes precisam ser contatados via email ou redes sociais e perguntamos se querem continuar conosco. “*Que acha de seguir mais um ano conosco?*” é a pergunta-chave, aquela que antecipa a continuidade ou o fim. Ultimamente, a proporção entre sequência e finitude tem sido muito similar, matemática pura resultante de diversos fatores que buscaremos destrinchar, alguns deles intangíveis.

Seguem conosco aqueles que:

1. Acreditam que somos um bom jornal;
2. Apoiam projetos culturais;
3. Gostam de acompanhar profissionalmente o meio literário;
4. Ainda não perceberam que não somos o *Rascunho*;
5. Passaram a ter relações amorosas com integrantes da equipe.

Deixam de nos acompanhar aqueles que:

1. Acreditam que não fomos um bom jornal ao longo de um ano de assinatura;
2. Passam por problemas financeiros ou de aumento da família ou os dois;
3. Estão em processo de mudança de cidade ou de carreira;
4. Reportaram problemas constantes com as entregas;
5. Não deram conta do volume de leituras por falta de tempo;
6. Simplesmente não nos responderam nas tentativas de contato;
7. Tiveram problemas amorosos com integrantes da equipe.

Entender os motivos da não continuidade: onde erramos? O que leva uma pessoa a nos dar 50 reais e simplesmente não nos responder mais? Sabemos que o papel causa desconforto quando se acumula, diferentemente do destilado do Clube da Cachaça, por exemplo, que não causa raiva imediata ao ser estocada, sem rancor, e ainda pode ser uma experiência compartilhada, bem como servir de presente.

Temos aspectos diretos do nosso produto, como o esgotamento editorial de nosso projeto, que, perto de completar dez anos de existência, pode passar a imagem de mais do mesmo. Alguns características de existência viram rotina => repetição => desgaste => desinteresse.

Ainda vivemos, indiretamente, um período de instagramização de conteúdo, do leitor-fetichista que pula de galho em galho no trampolim das novidades do meio

literário, o que não deixa de ser válido e condizente com a hegemonia do digital, embora, não raro, nativos digitais optem por produzir versões impressas de si.

Entender os motivos da continuidade: trazemos bons autores de fora do circuito – qualquer circuito? Riem de nossas piadas? O formato papel não irá acabar? Nosso viés de compilação do aleatório não cansa? Qual é a margem de assinantes que nos assinam por pena? Até quando aguentarão nosso rosário autorreferente?

Sob os arredores do tempo, nos interessa seguir como um jornal que desperte interesse, que traga bons textos, que seja bem diagramado, bem revisado, essas coisas todas que nos tornam produto de consumo e nos conectam a um ideal de singularidade, mesmo que cada desistência nos cause desconfortos existenciais.

É fazer um jornal que gostemos de seguir fazendo, enfim.

Uma boa leitura a todos.

Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

Pará	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Belém	
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Moara
Maranhão	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
São Luis	
Ceará	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leônidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Cambao de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura
Fortaleza	
S. G. do Amarante	Biblioteca Comunitária Literateca
Pernambuco	
Recife	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Perú
Olinda	Biblioteca Multicultural Nascedouro Biblioteca Comunitária Lar Meimei
Bahia	
Salvador	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Minas Gerais	
Belo Horizonte	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
Betim	Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
Sta. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachalioteca
Rio de Janeiro	
Rio de Janeiro	Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Elias José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANNS Espaço Literário Balão de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thaila Rebouças Biblioteca Comunitária Olhar Cultural Biblioteca Comunitária Prof. Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
Paraty	Bib. Com. Centro de Educação Integral Caiuru Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Caiuru Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Caiuru Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Tema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
São Paulo	
São Paulo	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmo Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Picaideiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL
Rio Grande do Sul	
Porto Alegre	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Anvedo Biblioteca Comunitária Ceprimoteca Biblioteca Comunitária Chocolate Biblioteca Comunitária Círculo Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Tílios Biblioteca Comunitária do Cristal
Dist. Federal	
Brasília	Biblioteca Escolar e Comunitária da EOS 108/308

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?
ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Onde posso encontrar um Jornal Relevo para esboçar um sorriso enquanto leio?

ACRE	Rio Branco Livraria N&S / Livraria Paim
ALAGOAS	Maceió Casa de Cultura Luso-Brasileira
AMAZONAS	Manaus Kalena Café O Alienígena Acervo e Espaço Cultural / Sebo Edipoeira
BAHIA	Salvador Livraria Boto-Cor-de-Rosa / Midialouca / Livraria LDM (Brotas, Glauber Rocha e Shopping Paseo Itaigara)
Lauro de Freitas	Livraria Dom Casmurro
Vitória da Conquista	Livraria LDM
CEARÁ	Fortaleza Livraria Lamarca / Sebo Ellenia / Livraria Arte & Ciência / Livraria Silará
DISTRITO FEDERAL	
Brasília	Banca da Conceição / Livraria, Café e Bistrô Sebinho Ernesto Cafés Especiais / Rapport Cafés Especiais e Bistrô / Quantocafé / Martinica Café / Vicalli Caixa Cultural / ONG Moradia e Cidadania / Instituto LGBT Jovem de Expressão
ESPÍRITO SANTO	Vitória Torre de Papel / Dom Quixote Livraria
Dores do Rio Preto	A Cafeteria
Guarapari	Banca da Lua
São Mateus	Livraria Sebo & Arte
GOIÁS	Goianã Evoê Café Com Livros / Livraria Palavrear / Livraria Leodegária
Anápolis	Café Carino Café S/A
MARANHÃO	São Luis Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro
MATO GROSSO	Cuiabá Bazar do Livro Matriz Metade Cheio
MATO GROSSO DO SUL	Campo Grande Livraria Le Parole
MINAS GERAIS	Belo Horizonte Armazém do Livro / Livraria Dona Clara / Livraria da Rua / Sebo Ubuntu Café do Palácio / Café 104 Espaço Guaja
Itajubá	Lume Livraria / Sebo Bis
Pouso Alegre	Sebo São Darwin
PARÁ	Belém Fox Livraria, Café, Papelaria e Locadora de Vídeos / Sebo do Gueto
Santarém	BPP Sebo & Locadora
PARAÍBA	João Pessoa A Bugleja Arte Café Viveiro Pirata / Quintal Armorial / Centro Cultural Espaço Mundo / Usina Cultural Energisa / Centro Cultural Aniano Suassuna
PARANÁ	Curitiba Agendarte Livros / Sebo Releituras / Itban Comic Shop / Joaquin Livros & Discos / Livraria Arte & Letra / Le Mundí Café Terapêutico e Livroteca / Livraria do Chaim / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Livraria Barbante / Livraria Vertov

Supernova Coffee Roasters / Rause Café / Café Mibe / Café Lisboa / Café do Viajante / Chelsea Café / Café do MON / Magnólia Café / Pannificadora Quilissândia / Province Boulangerie / Botanique Café Bar Pantas / Brooklyn Café / Café Avenida / Café Tramisu / Espresso Café / Café do Mercado / Café do Teatro / Kaveh Kanes / Fingen Café / Moto Racer Café	Apucarana SESC Apucarana
O Torço Bar / Tuboteca / Freguesia do Livro / Centro Europeu / Baba Salim / Kikos Bar / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Selvática Ações Artísticas / SESC da Esquina / Paço da Liberdade	Araucária Banca da Aracy Duetto Café Casa Elisue Voronkoff / FISK
SESC Caiobá	Caiobá SESC Caiobá
Barba Camisetas / Inspirarte	Campo Largo Barba Camisetas / Inspirarte
SESC Cornélio Procopio	Cornélio Procopio SESC Cornélio Procopio
SESC Foz do Iguaçu	Foz do Iguaçu SESC Foz do Iguaçu
SESC Francisco Beltrão	Francisco Beltrão SESC Francisco Beltrão
Gato Preto Discos e Livros / A Página Livraria	Guarapuava Gato Preto Discos e Livros / A Página Livraria SESC Guarapuava
SESC Ivaiporã	Ivaiporã SESC Ivaiporã
SESC Jacarezinho	Jacarezinho SESC Jacarezinho
Livraria & Papelaria Nanise	Lapa Livraria & Papelaria Nanise
Panificadora Zeni	Londrina Livraria da Sílvia / Nosso Sebo SESC Londrina (Cadeião e Centro)
Café Literário	Maringá Café Literário
SESC Medianeira	Medianeira SESC Medianeira
Alexandria Livraria e Cafeteria	Pato Branco Alexandria Livraria e Cafeteria SESC Pato Branco
Livrarias Nobre Cultura	Piraquara Livrarias Nobre Cultura
Verbo Livraria / Sebo Espaço Cultural I e II	Ponta Grossa Verbo Livraria / Sebo Espaço Cultural I e II Hostel Paraná / Phono Pub / Frederico Cervejas & Cervejas
Sebo da Visconde	São José dos Pinhais Sebo da Visconde
Vitros & Cia	São Mateus do Sul Vitros & Cia
SESC Umuarama	Umuarama SESC Umuarama
Livraria Praça de Casa Forte / Livraria Idéia Fria	PERNAMBUCO Recife Livraria Praça de Casa Forte / Livraria Idéia Fria Clandestino Café / Borsoi Café Clube - PINA / Borsoi Café Clube - CALIFORNIA / A Vida É Bela Café / Malakoff Café / Brigadairo Café
Livraria Casa Café	Garanhuns Livraria Casa Café
Sebo Casa Azul	Olinda Sebo Casa Azul
Capabella Sebo	Salgueiro Capabella Sebo
Café Pingado	PIAÚ Teresina Café da Gota Serena / Café Art Bar
Espaço Saracura / Cine Jóia	RIO DE JANEIRO Rio de Janeiro Belle Époque Discos e Livros / Livraria Leonardo da Vinci / Blook Livraria / Livraria Argumento Leblon / Livraria Argumento Rio Design Bar / Livraria Beco das Letras / Arlequim / Letra Viva Filial / Livraria Berinjela / Livraria e Edições Folha Seca / Banca do André
Café Cartum	Cabo Frio Sebo do Lanati / O Sebo Antigo
Galeria Hipotética	Mesquita Sebolinha Livros e Revistas
Dom Quixote Livraria & Cafeteria	Nova Friburgo Sabore de Leitura
Empório Canela	Paraty Livraria de Paraty
Do Arco da Velha Livraria & Café	Paraty Teatro Espaço / Casa da Cultura de Paraty
Dulce Amore Café & Algo Mais	
Athena Livraria (Floriano e Praça Nova) / Anatera Livros	
Miragem Livraria	
Sebo Ilha das Letras / Livraria Livros & Livros	
Café Cultura Lagoa da Conceição / Café Cultura Primavera / Café Cultura Shopping Iguatemi / Café Cultura Multi Open Shopping / Café Cultura Aeroporto Hercilio Luz	
Tralharía	
Santo Livro Livraria e Bookstore	
Café Cultura Bañeirão Shopping	
Livraria Blulivro	
Livraria Saber	
Livraria Selva	
Barba Ruiva Livros & Discos	
Casa 97	
Restaurante Amora Sustentável	
Livraria Beco Diagonal	
Dom Quixote Livros	
Sebo Ilha das Letras	
Café Cultura Continente Shopping	
Libretto Livraria	
Café Cultura Farol Shopping	
Comix Book Shop / Interméios Casa de Arte e Livros / Livraria Zaccara / UGRA PRESS / Blook Livraria / Banca Curva / Desculpe A Poeria / Patuscada Bar / Livraria NoveSete / Banca Tatui / Livraria Roteiro / Livraria Simples	
A Casa Tombada / Casa Guilherme de Almeida / Teatro do Centro da Terra / Matilha Cultural / Estúdio Lámina / Tapera Taperá / Casa do Povo / Casa das Rosas / Instituto Moreira Salles / Escrevedeira / Literário Café & Coworking	
Sebo Dom Quixote	
Casa da Cultura / Palacete das Rosas	
Sebo Alfarrábio	
Livraria Pontes / Sebo Porão / ContraCultura	
TORTA - Espaço para um Dedo de Prosa	
Livraria Jaguaribe	

Livraria e Bistrô de Itaipava	Petrópolis
Canto Geral Livros e Discos	Seropédica
Livraria Favorita	Três Rios
RIO GRANDE DO NORTE	Natal Sebo Café
RIO GRANDE DO SUL	Mossoró Resebo
Porto Alegre	Praia da Pipa Book Shop
Do Arco da Velha Livraria & Café	Bento Gonçalves Dom Quixote Livraria & Cafeteria
Dulce Amore Café & Algo Mais	Canela Empório Canela
Athena Livraria (Floriano e Praça Nova) / Anatera Livros	Caxias do Sul Do Arco da Velha Livraria & Café Dulce Amore Café & Algo Mais
Miragem Livraria	Frederico Westphalen Vitrola
Sebo Ilha das Letras / Livraria Livros & Livros	Santa Maria Athena Livraria (Floriano e Praça Nova) / Anatera Livros
Café Cultura Lagoa da Conceição / Café Cultura Primavera / Café Cultura Shopping Iguatemi / Café Cultura Multi Open Shopping / Café Cultura Aeroporto Hercilio Luz	São Francisco de Paula Miragem Livraria
Tralharía	SANTA CATARINA
Santo Livro Livraria e Bookstore	Florianópolis Sebo Ilha das Letras / Livraria Livros & Livros Café Cultura Lagoa da Conceição / Café Cultura Primavera / Café Cultura Shopping Iguatemi / Café Cultura Multi Open Shopping / Café Cultura Aeroporto Hercilio Luz
Café Cultura Bañeirão Shopping	
Livraria Blulivro	
Livraria Saber	
Livraria Selva	
Barba Ruiva Livros & Discos	
Casa 97	
Restaurante Amora Sustentável	
Livraria Beco Diagonal	
Dom Quixote Livros	
Sebo Ilha das Letras	
Café Cultura Continente Shopping	
Libretto Livraria	
Café Cultura Farol Shopping	
Comix Book Shop / Interméios Casa de Arte e Livros / Livraria Zaccara / UGRA PRESS / Blook Livraria / Banca Curva / Desculpe A Poeria / Patuscada Bar / Livraria NoveSete / Banca Tatui / Livraria Roteiro / Livraria Simples	
A Casa Tombada / Casa Guilherme de Almeida / Teatro do Centro da Terra / Matilha Cultural / Estúdio Lámina / Tapera Taperá / Casa do Povo / Casa das Rosas / Instituto Moreira Salles / Escrevedeira / Literário Café & Coworking	
Sebo Dom Quixote	
Casa da Cultura / Palacete das Rosas	
Sebo Alfarrábio	
Livraria Pontes / Sebo Porão / ContraCultura	
TORTA - Espaço para um Dedo de Prosa	
Livraria Jaguaribe	

Sebo Almanaque	Franca
Confraria Cult / IPRA	Guarulhos Livraria Guarulhos
Livraria Toque e Letras	Itatiba
Banca do Sardinha	Mogi Mirim Banca do Sardinha
Sebo do Formiga	Piracicaba Sebo do Formiga
Livraria Travessa Ribeirão	Ribeirão Preto Livraria Travessa Ribeirão
Livraria Pacobello	Santo André Livraria Pacobello
Gambalaia Espaço de Artes e Convivência	Taubaté Sebo Estação Cultural
Sebo Vinhedo	Vinhedo Sebo Vinhedo
Livraria Escariz	SERGIPE
Aracaju	

Legenda

- Livrarias, bancas e sebos
- Cafeterias e panificadoras
- Espaços culturais

Quer aparecer aqui?
Entre em contato!
contato@jornalrelevo.com

Locais Relevantes

O Alienígena [facebook.com/seboalienigena/](https://www.facebook.com/seboalienigena/)
Manaus / AM

Kikos Bar bit.ly/kikosbar
Curitiba / PR

Gato Preto [facebook.com/gatoprediscos/](https://www.facebook.com/gatoprediscos/)
Guarapuava / PR

Banca Tatui www.bancatatu.com.br
Desenhada por Aligetta Ledin
São Paulo / SP

Sebo Edipoeira [instagram.com/seboedipoeira](https://www.instagram.com/seboedipoeira)
Manaus / AM

“Esta é a 51ª e derradeira coluna dominical que escrevo como ombudsman da Folha. Assumi em 5 de abril de 2007, e o meu mandato se encerrou anteontem. Embora o estatuto autorize a renovação por mais dois períodos, não houve acordo com a direção do jornal para a continuidade. A Folha condicionou minha permanência ao fim da circulação na internet das críticas diárias do ombudsman. A reivindicação me foi apresentada há meses. Não concordei. Diante do impasse, deixo o posto. Oitavo jornalista a ocupar a função, torno-me o segundo a não prosseguir por mais um ano. Todos foram convidados a ficar. Sou o primeiro a ter como exigência, para renovar, o retrocesso na transparência do seu trabalho.”

Mário Magalhães, em 6 de abril de 2008.

“Nunca tive uma vírgula das minhas colunas alteradas por quem quer que seja. Afinal de contas, eu não estava fazendo mais do que cumprir à risca o trabalho para o qual havia sido contratado. Em essência, todos nós sabíamos que ter um ombudsman sério e renitente agrega credibilidade ao jornal. E é justamente disso, credibilidade, que os jornais vivem.”

Lira Neto, ex-ombudsman de *O Povo*, em *A herança de Sísifo: Da arte de carregar pedras como ombudsman na imprensa*, 2000.

O ombudsman é, antes de tudo, um chato

Cipriano Barata

Ufa, ainda bem que o ombudsman Cezar Tridapalli sai! Cheguei a ensaiar uma resposta pra ele uma vez, mas não conclui. Espero que pessoalmente ele não seja chato como era como ombudsman! O título provisório era "ombudsman do ombudsman", mas meu gato ficou doente e nunca mais retomei: "O sertanejo é antes de tudo um forte", vaticinou Euclides da Cunha, enquanto Fernando Pessoa não quis ir tão longe e, mergulhado em seus eus, cravou que "o poeta é um fingidor, que finge tão bem, que finge ser dor a dor que deveras sente".

Há algo que me atrai nesse tipo de frase vaticinante, paralisante (lacrante, dirão os da geração MMA/Tuíter), que encerra a questão e aponta logo a cova para onde deve ser mandado o glorioso morto. Parece simples — afinal, soltar uma frase assim é fácil —, mas para ela ganhar esse poder todo, capaz de encerrar uma discussão — ou iniciá-la —, de ser repetida todos os anos por professores de literatura ávidos pela hora do almoço que não chega, para ganhar esse peso

todo é preciso algo mais. Faço ideia nenhuma do que seja. Já me aventurei várias vezes por essa senda, sempre sem sucesso. Tento aqui novamente: "O ombudsman é acima de tudo um chato." Está aí, redonda e definitiva — ao menos em pretensão. Ao que acrescento: no caso de **RelevO**, o ombudsman, além de chato, é prolixo. Não entenda o leitor, a leitora, e o próprio ombudsman, aqui qualquer ranço pessoal com Cezar Tridapalli, mas fique à vontade para ver um pingo de inveja, despeito.

Pois, desde que descobri essa função — na época em que *Folha de São Paulo* tinha resquícios de Jornalismo e não era pura publicidade travestida de jornalismo de segunda —, achei que tinha a minha cara, e muito me esforcei para estar à altura do cargo no momento oportuno. Segui um par de anos assim, até que meus amigos mais próximos me avisaram (foi numa discussão sobre o Japão e sua cultura, quatro horas da manhã): "dalmoro, você está muito chato, ô, caralho!".

Estando pronto para o cargo, mas

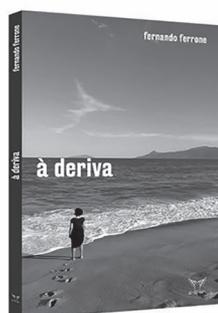
sem nenhum convite para exercê-lo, comecei a cogitar que deveria abrir mão do duvidoso e garantir as amizades certas. Isso virou convicção (não a made in Curitiba, até porque abomino Power Point desde o Windows 3.11) quando o poeta Cassio Correa me apresentou seu projeto de "Ombudsman do mundo". Achei a ideia fantástica, tudo o que sempre sonhei (como canta Pullovers), e vi que havia mesmo ficado para trás. Fui ser guache na vida — resignadamente banal, sem peso de óleo ou leveza de aquarela, sem me chamar Carlos, nem rimar como João.

Enfim, o ombudsman de **RelevO**. Recém comecei a acompanhar o jornal, de modo que não sei o quanto concordo com tri-ombudsman — me centro mesmo na forma. Hei de convir, antes de mais nada, que faz seu papel, e ataca o jornal sem concessões — diferentemente dos últimos da *Folha* que acompanhei, mais de meia década atrás, que exerciam a função de "ombudsman de defesa", apontando as falhas dos leitores.

Mas talvez devesse ceder um pouco e desenhar uma crítica um pouco menos em seus juízos de valor. Sim, há vários pontos que eu não "concordo", por não coadunar com meu senso estético, às vezes em suas filigranas. Mas meu senso estético, se consegue se basear em certo repertório erudito e premissas racionalizáveis, não deixa de ser questão de gosto.

Da redação: A partir de agosto, habemus novo ombudsman. É Robson Vilalba, artista gráfico, vencedor, em 2014, do Prêmio Vladimir Herzog pela série Pátria Armada Brasil. O material sobre o golpe militar de 1964 gerou a graphic novel Notas de um Tempo Silenciado, lançado pela BesouroBox em 2015.

Acreditamos que o cargo de ombudsman é de suma importância para o jornalismo literário que propomos. Buscamos transparência, humor, compromisso com o texto e tocar um periódico destituído de amarras senão aquelas que prometemos a cada assinante, de entregar mensalmente um jornal divertido e um tanto inconsequente.



à deriva narra a história de Isabela, paulistana que parte em viagem à Vila de Trindade, Rio de Janeiro, por um fim de semana. Essa jovem bancária está agastada do trabalho estafante, dos conflitos familiares, da falta de apoio das melhores amigas, das dificuldades da vida na cidade grande, mas, também, por mais que não queira admitir, pelo fantasma de um fim de namoro mal resolvido.

Nessa viagem de descanso, ela conhecerá pessoas que, cada uma a seu modo, empreendem buscas.

Caetano cresceu sem conhecer a mãe. No leito de morte, seu pai lhe revela uma pista que pode levá-lo até ela. Sua trilha o conduz à Trindade, onde mora uma antiga amiga de sua mãe, alguém que poderia lhe indicar seu paradeiro.

Bruno, figura misteriosa e sombria, separou-se há pouco, deixando mulher e três filhas. Desde então entrega-se a uma vida desregrada, vivendo de empregos precários. Entretanto, a imagem áspera que procura passar pode esconder uma realidade bem diferente.

Ao tentar fugir de sua realidade na metrópole, Isabela parte rumo a um outro mundo, na aparência mais ensolarado e colorido, porém os dilemas que ela enfrentará podem ser ainda mais terríveis que seu tédio cotidiano.

à deriva é, ao mesmo tempo, uma narrativa elegante e fluida. Escrita numa linguagem literária sofisticada, cheia de belas descrições e diálogos muito bem construídos, conta uma história sensível e delicada.

Mais do que um relato de viagem, *à deriva* pinta um panorama dos jovens adultos urbanos de classe média nascidos na década de 1980: sua precária condição econômica, sua visão de mundo, seus anseios e angústias, a maneira como se relacionam com as gerações mais antigas, mas, sobretudo, o desassossego daqueles a quem muito foi prometido e pouco foi entregue.

Adquira seu exemplar (14x21, 212 p.) pelo email escritorferrone@gmail.com

www.facebook.com/escritorferrone

livros | vinis



Joaquim Livraria & Sebo

R. Alfredo Bufren, 51
Centro Curitiba-PR

info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria



FISK

CENTRO DE ENSINO

3642-3690

3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR

ADVOCACIA
CONSULTOR - CÍVEL - FAMÍLIA
CONTRATOS - TRABALHISTA

Bruno e Deschamps Meirinho
CURITIBA/PR 48.541

MARCELO DE ABREU, 526, 1506 TORRE B
CENTRO, CURITIBA-PR

(41) 3033-1000 / (41) 3033-7844 CONTATO@MEIRINHO.ABV.BR

Vagner Xavier

NÓS SOMOS INTERMINÁVEIS COMO O MAR



dhias

Ignácio de Loyola Brandão: camisa 11

Matheus Lopes Quirino



Giovana Proença

O escritor e jornalista Ignácio de Loyola Brandão, 82, concedeu entrevista ao **RelevO** de seu apartamento em São Paulo. Eleito em março para a Academia Brasileira de Letras, onde tomará posse em outubro, Loyola tem no currículo mais de 40 livros, incluindo sucessos de vendas, no Brasil e no exterior, como *Zero* (1974) e *O menino que vendia palavras* (2008), vencedor do Prêmio Jabuti. Em 2016, foi agraciado com o Prêmio Machado de Assis, da ABL, pelo conjunto de sua obra. Seu livro mais recente é *Nada desta terra vai sobrar a não ser o vento que sopra sobre ela*, lançado em 2018. Neste bate-papo, o escritor, paulista de Araraquara, reflete sobre a conjuntura política do Brasil, os rumos

da literatura e faz um passeio por sua trajetória, desde a infância até a ABL.

★

Ignácio de Loyola Brandão se mantém firme no ofício. E mantendo o habitué de cronista, gosta de passear pelos quarteirões do bairro de Pinheiros. E não é raro vê-lo conversando com transeuntes, tomando café na padaria, observando alguma delicadeza se desenrolar pelo seu caminho; dentro dos comércios, por trás das janelas, observando através de alguma bifurcação pelas ruas. Ele não dirige, prefere estar atento às vias, de fato. Anda de metrô, vai ao cinema no bairro da Consolação, na Livraria Blooks e no Conjunto Nacional.

“O que é imortal, vovô?”, perguntou

o netinho ao avô Ignácio, dia desses, logo após vir a novidade: Loyola havia sido escolhido, por unanimidade, para a cadeira 11 da Academia Brasileira de Letras — antes ocupada pelo sociólogo Hélio Jaguaribe, morto em 2018. Prestes a envergar o fardão da ABL em 18 de outubro, o vovô Loyola, dividindo o sofá com leões de pelúcia e caixas do Jogo da Vida, está um tanto angustiado: “Não é fácil preparar [o discurso], é como se fosse uma tese de mestrado sem orientador a ser apresentada lá [na ABL]”, alega.

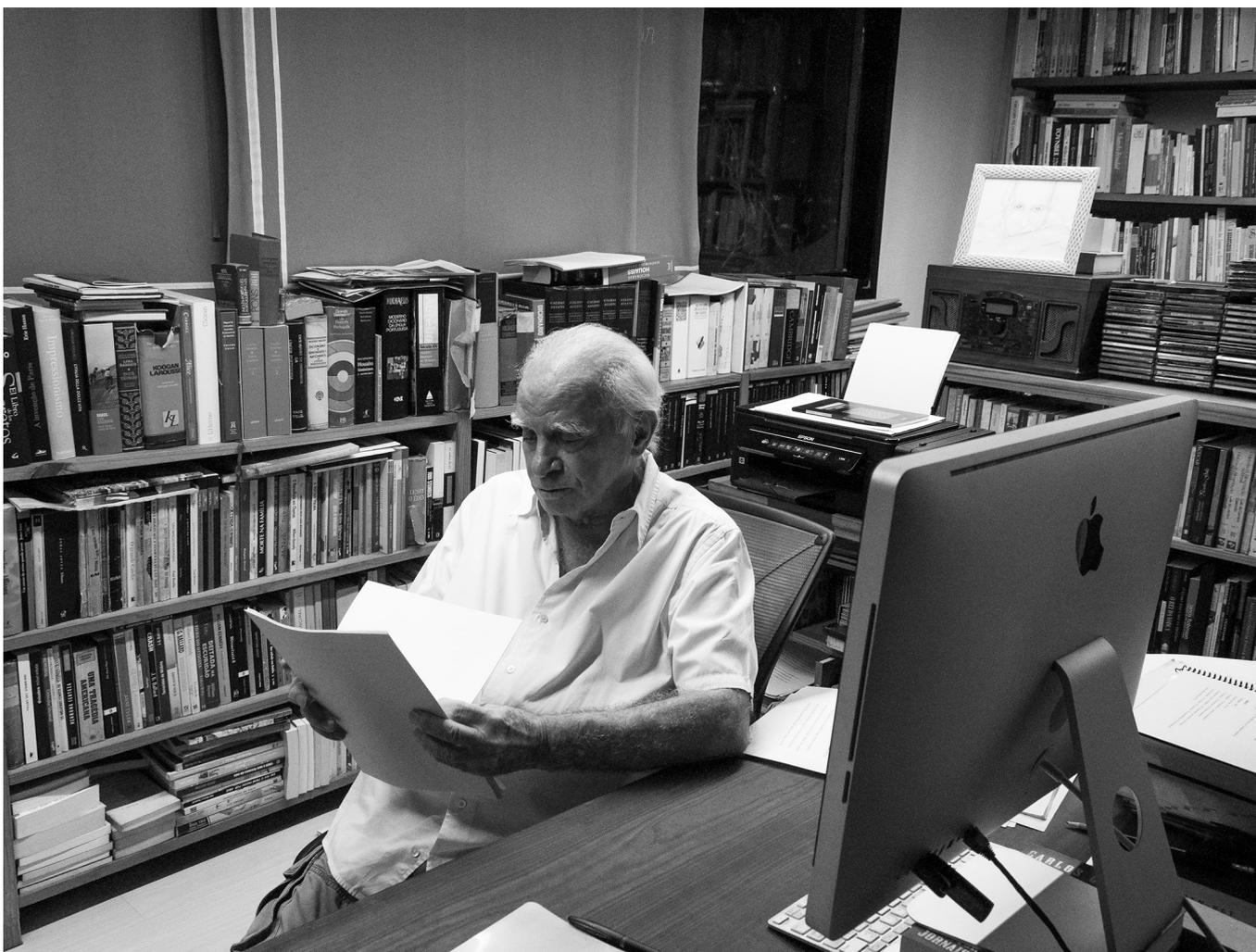
Agraciado pelo conjunto de sua obra, o autor de *Zero* (Itália, 1974) e *Bebel que a cidade comeu* (1968), finalmente topou o desafio da candidatura que, há anos, o assombrava.

“Era meio que uma unanimidade a escolha dele [Loyola] para esta vaga na Academia; não havia nenhum escritor do calibre dele para concorrer, eu inclusive o encorajei quando ele veio me perguntar o que achava, ele vinha se esquivando dessa [eleição], mas a hora era agora”, disse Ubiratan Brasil, o Bira, primeiro leitor e companheiro de *O Estado de S. Paulo*, onde Loyola assina uma crônica quinzenal.

Escritor experiente, ele se acanha enquanto pormenoriza o passo a passo que vem enfrentando no preparo do discurso da ABL: “Tenho que falar um pouco da obra de cada um deles [os imortais que o antecederam] no discurso, que tem duração de uma hora. Pense bem, conheço muito



Giovana Proença



da obra do Darcy [Ribeiro] (1922 – 1997), do Celso Furtado (1920 – 2004), do Hélio [Jaguaribe] (1923 – 2018), que eu conheci, e viveu até 95 anos, mas esses são os acadêmicos mais famosos [...], é necessária uma boa pesquisa, tive antecessores de peso”.

Da cadeira do Patrono e poeta Fagundes Varela (1841 – 1875), na Avenida Presidente Wilson, no Rio de Janeiro, ao sofá branco de seu apartamento em Pinheiros, São Paulo, Loyola recebeu a reportagem às 17 horas da tarde de uma sexta-feira, depois da insistência do repórter, que tentava conseguir uma brecha na agenda do romancista. “Venha às cinco, não atrase, pois estou metódico para dar cabo de um livro que já era para estar pronto”, acertou o escritor, três horas antes do encontro.

★

Recém-chegado de Araraquara, onde no domingo havia sido homenageado pelo Ferroviária, time da cidade, a semana do escritor foi agitada. Dias antes ele concedeu entrevistas às revistas *IstoÉ* e *Cult*, mas foi para o **Relevo** que Loyola exibiu a camisa onze do time, “Fui lá, dei o pontapé inicial, o primeiro e único da minha vida”, contou, risonho, fazendo pose para a fotografia.

E sua relação com a ferrovia é de longa data. De família de ferroviários, avô, pai, tio, todos desempenharam funções sobre os trilhos e ao seu redor. E não foi diferente com o hoje imortal. Embora tenha enveredado pelas palavras, começou como crítico de cinema no jornal araraquarense *Folha Ferroviária*, tornando-se o primeiro jornalista a cobrir a sétima arte por aquelas bandas.

Cinéfilo confesso, desde a juventude batia ponto nos cinemas. “Eu queria a permanente [espécie de credencial]. Já estava publicando lá e fiquei sabendo que o jornal ganhava, e como o dono trabalhava de dia na ferrovia e só à noite ia para a redação, não tinha tempo para ir, então eu fiquei com a permanente, era meu salário...”.

Em Araraquara, o jovem Ignácio destoava do rumo pacato do interior. Com pretensões para outros ares, ele e sua turma logo atravessariam a fronteira do provincianismo rumo à selva de pedra. E Loyola jura que nunca se considerou um provinciano: “Não queria a mesmice. Meu pai

trabalhava das sete e meia da manhã até à noite. Todo dia ele fazia a mesma coisa. No jornal não, cada dia era uma coisa, essa era a graça”.

Aventureiro, ele pertencia à turma “dos desvairados”. Lembrados com carinho pelo escritor, da cidade são também o ex-presidente do Supremo Tribunal Federal Sydney Sanches e o dramaturgo José Celso Martinez Corrêa. “Esse era o meu grupo de Araraquara — tudo louco! Lá a gente nem namorava, éramos loucos, as meninas não queriam saber da gente, a gente fazia serenata, poema — menos eu —, mas a gente queria sair da cidade. Se namorasse, ia ter que casar, e ficar...”.

E ele saiu.

★

Figura importante na cena literária da Pauliceia Desvairada, ele, que vive em São Paulo desde os 21 anos e tem a cidade como seu assunto principal, começou uma crônica no extinto jornal *Shopping News*, sob o título de “São Paulo S.A”. Hoje, cronista do Caderno 2 do jornal *O Estado de S. Paulo*, Loyola coleciona causos impagáveis, lembrados por muitos leitores de sua coluna.

“A gente ia tomar café em uma padaria da João Moura, eu e um grupo de fotógrafos, isso há décadas, estávamos montando um mural, colocávamos fotos do pessoal que frequentava a padaria, virou uma febre, uma espécie de Instagram pré-histórico... Foi uma brincadeira que durou uns meses, e o Ignácio entrou junto conosco”, contou a fotógrafa Angela Di Sessa, acerca do episódio que viveu com o escritor no começo dos anos 2000.

“Depois as fotos eram devolvidas nas embalagens dos pães, até que um dia uma mulher colocou a foto do cachorro e o cachorro morreu, ele já era velho, lembro que foram duas fotos de animais, o outro também morreu, era um fox-paulistinha! E foi um bafafá, daí o Ignácio escreveu uma crônica, ótima, aliás!”, contou a leitora de Ignácio, aos risos enquanto inaugurava a sua exposição sobre imigração italiana no Edifício Itália.

Já Silvio Mieli, professor universitário, lembrou-se do episódio em que foi entrevistar o escritor, no apartamento onde ele morava na Rua Ministro Rocha Azevedo,

no bairro da Bela Vista, em 1985. “Para a minha geração, que vem dos anos 1980, o Loyola era uma figura fundamental, cobria cultura no *Última Hora*, me lembro de ver uma palestra dele no Centro Cultural São Paulo, ele valorizava muito as linguagens, a palavra...”.

“Quando eu li *O verde violentou o muro*, aquele livro abriu meus horizontes, a escrita era muito diferente, saborosa, os capítulos eram curtos... ele estava em Berlim quando escreveu [...], alguns anos depois eu viajei para Europa também, muito por causa deste livro, queria sentir uma experiência parecida”, contou Fabio Marzolla, economista, também parte da geração leitora do escritor, na década de 1980.

“Íamos tomar vinho no Pasquale, quando o lugar ainda era pequenino — o Pasquale pai, dono do restaurante, queria preservar a dimensão do lugar, era aconchegante, por isso ele não fazia anúncio... Até que um dia o Ignácio escreveu uma crônica descrevendo minuciosamente os pratos de lá e, ao final da crônica, colocou que não poderia dar o endereço; mas quem frequentava, sabia!”, lembrou Angela.

Fã de boa gastronomia, Loyola tem uma porção de crônicas saborosas sobre o paladar e as comilanças. Até ganhou uma mesa no tradicional boteco paulistano Vianna, em Pinheiros.

★

Recém-chegado na capital, já amaciado pela redação da *Folha Ferrovária*, o jovem Ignácio passou a trabalhar na redação de *Última Hora*, de Samuel Wainer.

RelevO – *O jornalismo foi seu álibi?*

Ignácio de Loyola Brandão – Pode-se dizer que sim. A minha coisa é escrever, isso que importa... Aos 21, vim para cá, comecei no *Última Hora*, passei por todas as funções, menos de diretor de redação. De lá fui para *Claudia*, depois para *Planeta*. Entre esses períodos, fui pra Itália, pra Alemanha... Voltei e fiquei fazendo frila. Viajei o Brasil inteiro fazendo palestras. Com o Jornalismo viajei o mundo; ainda viajo bastante.

Você sempre sonhou ser escritor?

Meu sonho era dirigir filme. Mas logo me afeiciei às palavras, muito por causa da minha professora, a

Dona Lourdes. Ela dizia: “Meninos, inspiração não existe, você é que faz”. É o seu olhar, seu ouvido, talvez o seu talento, se houver.

Mas qual foi o pontapé inicial?

Comecei como crítico de cinema, lia todos os críticos. Recortava e guardava tudo e amava cinema como amo até hoje. E naquela época soube que o crítico de cinema não pagava cinema. Um dia vi um filme de Hollywood e fiz uma crítica. Meu amigo, que sabia muito bem o português, corrigiu a crítica, o professor de português também. Levei pro dono do jornal, que conhecia o meu pai da ferrovia, e ele publicou. Depois ele publicou a segunda, sobre *Vêu Azul* [1951]. Ele me chamava de Brandãozinho; comecei a publicar no jornal aos 16, 17 anos.... Ia ao cinema toda noite com a permanente da *Folha Ferrovária*. Meu salário era a permanente.

Qual é seu filme preferido?

Já vi mais de 130 vezes *Oito e Meio*, de Federico Fellini [1963]. A primeira vez que eu vi estava na Itália. Não sabia italiano. Entrei na sessão. Não entendi nada... E fui outra vez. Um dia comprei o roteiro. Li. Fui entendendo aos poucos o filme. Ele tem vários planos, aquilo pra mim foi inovador. São [planos] imaginados pela personagem do Marcello Mastroianni.

E isso refletiu em sua literatura?

Claro. Por exemplo, o *Zero*, que é uma distopia, levou dez anos para ser concluído. Bem, sobre esses vários planos, certa vez eu estava andando na Itália e observei um homem andando. Aí, do outro lado da rua havia uma senhora, enfim, vários personagens, várias histórias paralelas, planos e enredos se entrelaçando... daí as páginas divididas ao meio no *Zero*.

E os depoimentos do livro, você os inventou?

Todos os depoimentos de tortura do *Zero* são reais. Mas troquei todos os nomes. Obviamente. Na época [década de 1970] que houve a censura, eu ia jogando as notícias cortadas todas em uma gaveta. Fiz isso por uns dois anos. E depois guardei comigo. Ia jogar no lixo e uma amiga falou: “Isso é um romance”. Levou dez anos... Escrevi textos grandes e pequenos. Sabia que

tinha na mão um material... Fiz cinco mil páginas datilografadas. Papéis de várias cores, tipos e tamanhos.

Como você costuma trabalhar em um livro? Corrige muito?

Eu vou escrevendo, nunca se aproveita tudo. São várias mãos, várias reescritas.

Todos os grandes romances são políticos. Mas não adianta, nem tudo é boa literatura. Não dá para pensar no panfleto.

Eu costumo imprimir e mexer com lápis, ainda hoje...

Hoje, como você analisa essa onda de militância na escrita? Muito se escreve e a literatura acaba se contaminando, principalmente na internet. Concorda?

Todos os grandes romances são políticos. Mas não adianta, nem tudo é boa literatura. Não dá para pensar no panfleto. Hoje, na rede social, tudo é panfleto. Leio muita coisa medíocre e fico abismado, as pessoas não sabem colocar duas frases...

Isso está diretamente ligado à educação, não? ...Claro. Desde a ditadura, o ensino virou uma ruína.

Na militância, você chegou a pegar em armas?

Eu não era de sair para a luta armada. Minha luta armada era, e continua sendo, o livro. Cada um reage da sua maneira. Vou para a literatura. Eu levava todas as matérias que tinham sido proibidas pela censura, guardava todas as matérias. E lia. “Essas notícias vocês não viram”. Foi uma geração muito combativa

Pois bem, e nos anos de chumbo, alicerçado pela literatura, você e a sua geração continuavam se defendendo — e atacando — pelas palavras?

Sou da geração de 1970, todos escreviam contra a ditadura. Essa geração se caracterizou por sair do padrão do “escritor de escritório”. A minha geração começou a ser convidada por escolas, centros culturais, e aí viajamos pelo Brasil, de

carro, ônibus, pegando carona, a pé. Nós falamos em auditórios, teatros, salas, plataformas de estação, em porões de Igreja...

E como você avalia a educação, mas não somente ela, o governo como um todo?

Em 82 anos, nunca vi um presidente tão despreparado, sem a mínima noção do que faz, sem noção do cargo, sem conseguir articular durante vinte minutos uma fala. Um homem sem cultura. Ele nunca deve ter lido um livro. Foi levado pelo nada. Um capitãozinho do exército com três filhos. O Brasil tem cinco presidentes: Bolsonaro, os três filhos e o Olavo [de Carvalho, astrólogo]. Brasília é uma ilha. Tem um muro, e eles não enxergam a realidade. Se o Bolsonaro tiver dignidade, deveria começar a pedir o boné. Um homem que diz 'vamos voltar ao Brasil como há 50 anos atrás!' Eu não quero voltar ao Brasil dessa época, quando não podia pegar na mão das meninas para namorar...

Me diga três palavras que resumem a educação no Brasil, hoje.

Franz Kafka, cidadãos, conje.

O que te chateia na vida?

Gente chata me deixa de mau humor. Papo-cabeça, então... Principalmente quando vem um escritor querendo contar o livro inteiro... Dia desses, fui a um vernissage de uma autora amiga na Livraria Blooks, da Frei Caneca. Eu só queria tomar meu vinho... Aí chegou uma pessoa e começou a falar, falar... Nesses momentos, minha mulher percebe e logo corta. Bem, não são muitas coisas que me deixam de mau humor. Mas tem mais algumas: atendimento ruim em restaurante é uma delas, aquele ventinho da janela do ônibus é outra...

Como você lida com o celular, é uma chateação a mais?

Infelizmente, descobriram que tenho um celular. Comprei porque viajo muito e preciso me comunicar com o pessoal aqui de casa. Se não, não teria. Me mandam "Ah, você não olhou um negócio que eu te mandei no WhatsApp...". Eu falo para me ligarem, para falarem comigo diretamente, eles têm meu telefone...

Você vende muito livro ainda?

Vendi muito nos anos 1970, 1980, 1990, começo de 2000. Mas a cada ano que passa as pessoas leem menos... isso faz diferença na distribuição do trabalho de um escritor...

Sem contar o celular...

Como se consegue combater o celular? O mundo mudou muito, muito, muito. Ninguém sabe o que fazer com o mundo. Essa virada para a direita aconteceu. E ninguém sabe...

Sobra para a ficção, então? Em Não verás país nenhum (1981), veja que curioso, alguns dos seus leitores dizem que você previu um enredo parecido com o que estamos vivendo, concorda?

O protagonista do *Não verás* é um capitão do exército que carrega uma bolsa de colostomia pelo livro inteiro, existe a cidade gradeada, aquecimento global, a violência de São Paulo.... Inventei, a vida copiou.

O que te fez imortal?

Imortal é porque vão falar de você um dia....

Linha do Tempo

1932 – Nasce Ignácio de Loyola Brandão, em Araraquara, interior de São Paulo, filho do ferroviário Antônio Maria Brandão e Maria do Rosário Brandão.

1952 – Está publicando no jornal *Folha Ferroviária*.

1957 – Muda-se para São Paulo para trabalhar no jornal *Última Hora*.

1965 – Lança o livro de contos *Depois do sol*. Vira redator da revista *Claudia*.

1968 – Lança seu primeiro romance *Bebel que a cidade comeu*.

1974 – *Zero* é publicado na Itália.

1975 – *Zero* é publicado no Brasil.

1977 – Viaja a Cuba como júri do Prêmio Casa de Las Americas. A aventura na ilha de Fidel rende o livro-reportagem *Cuba de Fidel: Viagem à Ilha Proibida* (1978).

1981 – Publica *Não verás país nenhum*.

1981 – Viaja a Berlim, a convite da fundação cultural Deutscher Akademischer Austauschdienst, onde vive por 16 meses. De volta ao Brasil, publica *Cabeças de Segunda-feira* (1983), livro de contos, e *O Verde Violentou o Muro* (1984), baseado na experiência alemã.

1990 – Torna-se diretor de redação da revista *Vogue*.

1993 – Começa a publicar crônicas no caderno Cidades do jornal *O Estado de S. Paulo*.

1999 – Publica *O homem que odiava a segunda-feira*.

2000 – Começa a publicar crônicas no Caderno 2 de *O Estado de S. Paulo*.

2007 – Torna-se membro da Academia Paulista de Letras.

2008 – Vence o prêmio Jabuti com o livro infantil *O menino que vendia palavras*.

2010 – Em dezembro, foi agraciado com a comenda da Ordem do Ipiranga pelo Governo do Estado de São Paulo.

2016 – Recebe o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra.

2018 – Publica *Nada desta terra vai sobrar a não ser o vento que sopra sobre ela*.

2019 – É eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Márcia Wayna Kambeba

Ay kakyri tama

Ay kakyri tama
Ynua tama verano y tana rytama
Ruaia manuta tana cultura ymimiua
Sany may-tini, iapã iapuraxi tanu ritual

Eu moro na cidade
Esta cidade também é nossa aldeia
Não apagamos nossa cultura ancestral
Vem, homem branco, vamos dançar nosso ritual

Nasci na Uka sagrada
Na mata por tempos vivi
Na terra dos povos indígenas
Sou Wayna, filha de Aracy

Minha casa era feita de palha
Simples, na aldeia cresci
Na lembrança que trago agora
De um lugar que nunca esqueci

Meu canto era bem diferente
Cantava na língua Tupi

Hoje, meu canto guerreiro
Se une aos Kambeba,
aos Tembé, aos Guarani

Hoje, no mundo em que vivo
Minha selva em pedra virou
Não tenho a calma de outrora
Minha rotina também já mudou

Em convívio com a sociedade,
Minha cara de "índia" não se transformou
Posso ser quem tu és
Sem perder quem sou

Mantenho meu ser indígena
Na minha identidade
Falando da importância do meu povo
Mesmo vivendo na cidade

Poema integrante de *Ay Kakyri Tama - Eu Moro Na Cidade*, Editora Polén Livros



www.editorapenalux.com.br
facebook/penaluxeditora
- de 50 mil curtidas
PeñaLux
Envio de originais:
originais@editorapenalux.com.br

Caminhamos para o sexto ano de atividades com mais **600 títulos** no catálogo, reunindo autores de todas as regiões do país, com abrangência em diversos temas, estilos e gêneros.

Publicamos contos, crônicas, poesia, romance, acadêmicos, traduções de clássicos e também literatura estrangeira contemporânea.



Sérgio Pitaki
acupuntura
médica

Rua Padre Anchieta, 2050, 18o. and. conj. 1802. Champagnat - Curitiba - Paraná - CEP. 80730-000
Celular: (41) 99692-0070 - e-mail: sergiopitaki@gmail.com - Marcar consulta: doctoralia.com.br

BOLICHE

Pela primeira vez, a família Padilha conseguiu encerrar seu horário no Big Bowling sem brigar.

ESTÁTUA DE CHOCOLATE

Em Camaquã (RS), coelho de chocolate de 1 metro e meio não é o maior do mundo, mas também não fica entre os menores.

URINA

Senhor pernambucano anda fazendo xixi de madrugada. Não sente dores. Coloração do xixi é saudável.

LITERATURA

Autor estreante lança seu primeiro livro.
Autor não estreante lança seu segundo.

CORRIDA

Homem completa os 100 metros rasos num tempo razoavelmente bom, acho que uns 14 segundos, nada digno de nota.

TATUAGEM

Garçonete em Curitiba tem 3 tatuagens.

IDADE

Moradora de Joinville tem 42 anos.

GASTRONOMIA

Cidade de Sorocaba tem uma determinada quantidade de hamburguerias.

GAME OF THRONES

Casal conclui *Game of Thrones*.

MATEMÁTICA

Aluna do quinto ano da Escola Mendes Júnior, de Porto Velho, tirou 8 na prova.

“O Livro Antirrecordes do Jornal Relevo é o antídoto da vida moderna.”
Rolling Stone

“Narrativas Relatos?) envolvendo personagens...
Pia



Maior distância percorrida a pé? Legal. Maior...
bio? Adorei! Lasanha bolonhesa com o maior...
mundo dos recordes soa interessante quan...
humana — vulgo, até onde você chegaria par...
que absolutamente não poderia se importar...
sonho de quebrar um recorde acaba muitas ve...
cia, ou a algum vídeo do YouTube com algum...

É por isso que, zelando pela integridade fis...
Relevo traz o primeiro livro de antirrecordes,
ou prêmio. Confira o que tem sido mais medic...

(ou fatos?
solventes com
ns etc.”
uí

“Mais recordes no meu site
www.aliceautora.com.br”
Alice Autora



castelo de cartas? Bacana! Mais longo asso-
por número de camadas? Eu quero! Sim, o
ndo pensamos nos limites da capacidade
a conseguir a atenção daquele(a) garoto(a)
menos com sua existência. Infelizmente, o
vezes levando pessoas ao óbito, ou à delega-
a música engraçada de fundo.

ica e mental dos nossos leitores, o **Jornal**
ou seja, os feitos menos dignos de atenção
ocre, mediano e desinteressante em 2019.

ASTRONOMIA

Planeta Terra possui
um satélite natural.

PODCAST

Podcast gravado por
jovens de São Paulo chega
ao trigésimo episódio.

CERVEJARIA

Ver GASTRONOMIA.

BASQUETE

Jogo entre o Operário de São
Roque e o Atlético de Jundiaí
termina empatado de novo.

CASAMENTO

Em Maceió, casal escolhe
apenas o casamento civil.

ANIMAIS

Família adota três vira-
-latas que circundavam
o apartamento.

SEMELHANÇA

Colega de trabalho tem
um(a) conhecido(a) que é a
sua cara.

GAMES

Jovens acham bacana novo
lançamento para PC.

COMPRAS

Adolescente deixa super-
mercado carregando 5
sacolas plásticas.

DIVÓRCIO

Em Goiânia, casal se
divorcia.

RELIGIÃO

Judeus, cristãos e muçulma-
nos oram normalmente
durante a semana.

Rolêvos

DGTL 2019: A Máquina do Tempo

Mateus Ribeyre

*colaborou Raísa Boing

No início de maio, fui a São Paulo conferir a terceira edição nacional do DGTL, festival holandês de música eletrônica. Não é a primeira nem a segunda nem a terceira nem a quarta vez que o **RelevO** se enfia em *tunt-tunts* e *bleep-blops*. E se você não faz ideia do que leva as pessoas a gostar tanto de festivais de *tunt-tunts* e *bleep-blops*, este texto tentará elucidá-lo.

Me considerava aposentado de festas de música eletrônica. Não por ter ido em muitas, mas por ter ido o suficiente. Este número, bem mais relativo, encaixa com a disposição de cada um. Para me complicar, porém, o DGTL anunciou a presença de Jeff Mills. Este foi meu relato ao ter escutado Jeff Mills no Dekmantel de 2017, o rolêvo número um:

E aí entrou Jeff Mills, uma aberração

celestial. Nas duas horas em que Mills esteve corporificado – ou quase isso, porque era quase impossível enxergá-lo no palco –, sua música foi o princípio pelo qual tudo viria a ser. Eu sequer conseguia dançar, e me limitava a passos anestesiados que cultuavam aquele momento.

Dessa forma, nem precisei me enganar ou fingir resistência. Humildemente, implorei para cobrir o evento outra vez, dado que já o havia feito em 2018, no rolêvo número três. Diante do sinal verde, segui para os três palcos montados no bairro de Vila Guilherme ansioso pelo reencontro com a “aberração celestial”, sobre a qual o trecho acima, bastante incompetente, não diz absolutamente nada. Por que, afinal, fazemos tanta questão de presenciar um DJ específico?

Comecemos pelas desvantagens.

Aos indispostos, há algo fundamentalmente cansativo em uma festa de música eletrônica: horários. É difícil que o DJ mais aguardado da noite se apresente cedo (digamos, meia-noite). E se o ápice de uma festa começa tarde (digamos, a partir das quatro da manhã), existe toda uma ramificação de preparos para os cuidadosos, cansados ou simplesmente neuróticos. Como um zagueiro velho, é preciso saber se posicionar e evitar correria para se chegar inteiro ao fim do evento.

Este aspecto é o principal a me afastar das festas, cuja recuperação física demanda tempo: se piso no pedal no sábado, já sei que estarei um lixo no domingo e que trabalharei mal na segunda-feira. Se contasse com mais tempo para repouso, portanto, minha disposição seria proporcional. Mas é preciso respeitar o mundo real, aquele do tédio produtivo, para que o universo escuro e repleto de efeitos

visuais potencialize seu valor.

Ao apontar isso, já estou filtrando conforme meu gosto. Existem diversas festas vespertinas excelentes. Particularmente, no entanto, vejo qualquer festa sob a luz do Sol como um erro conceitual. Não estou tentando convencer ninguém disso; apenas aponto minha predileção. (Também acredito que não exista uma alma genuinamente alegre num *after* pela manhã, quando não se sabe o que há de mais seco entre o diálogo e o suor). Esta edição do DGTL, no caso, começava às 16 horas – apazível, portanto, também àqueles que não se identificam com este parágrafo.

Procurei chegar à festa às 20h, visando ao início do *live* de Recondite, alemão de aspecto introvertido – tanto o sonoro como o pessoal. Presença não rara no Brasil, pude

escutá-lo no DGTL de dois anos atrás, uma experiência extraordinária. Recomendo com entusiasmo as produções deste careca soturno nascido *Lorenz Brunner*, nome ideal para um personagem que planeja derrotar James Bond, mas talvez não ideal o suficiente para um músico.

Enfim, ao adentrar o palco onde Recondite havia acabado de emergir, percebi que, pela primeira vez na vida, eu tinha acesso ao *backstage*, o que me permitia estar atrás do DJ. Ou seja, eu era um dos *vilões*; um dos papagaios de pirata que tipicamente aparecem nos vídeos do segmento. Fiz bom uso da minha condição de babaquice culposa e aproveitei os 75 minutos daquela apresentação bem próximo à mesa em que ele trabalhava.

Vale a pena ouvir Recondite – em casa ou ao vivo – porque, afinal, ele é competente em criar atmosferas, e porque essas atmosferas merecem ser habitadas. Há algo de sombrio (recôndito...), ao mesmo tempo *rural*, difícil de ser traduzido. Algumas produções são lentas; a maioria delas dispõe de poucos elementos, com melodias graves e sintetizadores cujos contornos remetem ao fundo de filmes de ficção científica dos anos 1970 ou 80. São cenários criados, afinal, para se levar.

O que me leva ao primeiro ponto para responder à pergunta inicial: “por que, afinal, fazemos tanta questão de presenciar um DJ específico?”. Cenários! Ambiente, textura, melodia. Ao vivo, envolto por sistemas de som que a humanidade precisou de eras para aperfeiçoar, o corolário natural é que tudo isso se intensifique. O escuro e os efeitos visuais ainda servem de complemento.

Encerrado Recondite, parti para o palco onde a aberração celestial surgiria. Neste, eu não tinha acesso ao *backstage* – essas coisas sobem rápido à cabeça e eu já havia exclamado “você sabe com quem tá falando?” a 14 indivíduos diferentes. Fui me refrescar

na área de imprensa. Lá me deparei com Jeff Mills *per se*, a pouquíssimos metros de mim. A roupa inteiramente branca sobre a pele negra lhe conferia um aspecto angelical, mas ele já se concentrava em se mover – assessorado e apressado –, portanto não cogitei uma interação.

Assim segui para outro palco, onde Marcel Dettmann entregava seus minutos finais. Muito, muito calor.

Neste momento, me deparei com a falta de espaço, o segundo maior problema de festas. E que não é exclusividade delas, afinal responde a qualquer grande aglomeração.

Na pirâmide de Maslow da fritação, é necessário, antes de qualquer outra coisa, espaço para respirar. E então, espaço para dançar, ou ao menos se mover. Naquele instante, não havia tanto, mesmo diante de um palco extenso. Ou seja, juntaram-se pouco espaço e muito calor, a combinação que carece apenas de uma dinâmica de grupo para compor o inferno. O alívio é tamanho em não friccionar no suor alheio que essa curta informação exigiu ser dividida em três parágrafos.

Aí entrou o homem, uma máquina, uma besta enjaulada com ódio. As produções de Jeff Mills têm cara, gosto e cheiro de ficção científica. Não por acaso, ele recentemente lançou *Dark City*, a trilha sonora de uma história criada por ele mesmo e que guarda semelhanças explícitas com o filme homônimo de Alex Proyas (1998). Enfim, contemplá-lo é perceber-se imerso numa narrativa, o que me leva ao segundo ponto a responder “por que, afinal, fazemos tanta questão de presenciar um DJ específico?”. Em suma, um bom DJ oferece uma boa história. E Mills oferece uma história espantosa: seu som é pesado, quadrado e surpreendente. Quando você começa a ficar moroso, compreendendo onde a música está te levando, ele te arregaça e você fica de queixo caído novamente.

Após ser sugado mentalmente pela energia de Mills, a atmosfera sobre

a festa era a de que ninguém ali tinha fôlego para mais nada. (Exceto pelo pessoal a-lu-ci-na-do pela belga Amelie Lens, que o sucederia. Nada contra, mas puta merda, vocês *compreenderam* quem estava ali antes dela?). Enfim, ainda não era nem meia-noite: o que fazer depois de um DJ te dar carona em uma espaçonave? Era hora de sair daquela cápsula de fogo, já que a temperatura dentro do galpão devia passar dos 40 graus e gotas pingavam do teto.

Foi então que o inclassificável Roman Flügel trouxe um novo gás para a noite. O alemão, com aspecto de um tímido técnico de informática, rechaça essa figura pacata na hora de se apresentar. No palco externo do festival, o único onde era possível tomar um ar fresco, Flügel não permitiu que isso acontecesse. Tendo em sua discografia um EP chamado *Brasil* (2011), ele partiu de uma percussão tipicamente brasileira, atrelando-a a elementos suaves, hipnóticos; tudo muito limpo. Eis uma terceira resposta para a pergunta “por que, afinal, fazemos tanta questão de presenciar um DJ específico?”: porque é divertido, agradável, leve etc., mas suficientemente singular em relação às suas opções de som alto num fim de semana.

Seu *set* fez com que poucos curiosos dali saíssem: aquele talvez-mas-não-só-*house* de gente grande permitiu que a pista fosse entregue quase de bandeja para os últimos felizardos do festival, Ryan Elliott e Spencer Parker, que terminaram a noite sorrindo como em um disco do Falamansa.

Lembrar deste palco, hoje, atesta que a decisão equivocada da ocasião foi sair dele para assistir a outro gigante. Pois Richie Hawtin tem um peso comparável ao de Jeff Mills; uma bagagem que obriga qualquer fã de música eletrônica a parar tudo para vê-lo tocar. No entanto, o *set* de Hawtin, novamente num dos galpões sufocantes que pingavam, não trouxe nenhuma novidade. Se um DJ oferece uma história, a dele era previsível e não correspondia às

suas produções, ou ao que é capaz de entregar ao vivo – basta perguntar a qualquer amigo que já o tenha escutado no Brasil. Aliás, não precisa perguntar. Ele vai tocar no assunto e seguir sem calar a boca por alguns minutos.

No fim das contas, acabei não aproveitando a lenda Richie Hawtin. Seu *Dimension Intrusion*, lançado sob o nome F.U.S.E em 1993, é um dos discos de música eletrônica que mais escutei na vida. (Tudo aquilo lançado pela Warp na série *Artificial Intelligence* é imprescindível. Àquela época, Hawtin tinha ridículos 22 anos, bem como Richard D. James, o Aphex Twin, que no mesmo período – e pelo mesmo selo – lançou *Surfing on Sine Waves* sob o nome de plume *Polygon Window*).

Isso remete a outro problema comum a festivais: planejamentos falham. Planejamentos de atrações, encontros entre amigos, gastos, banheiros etc.

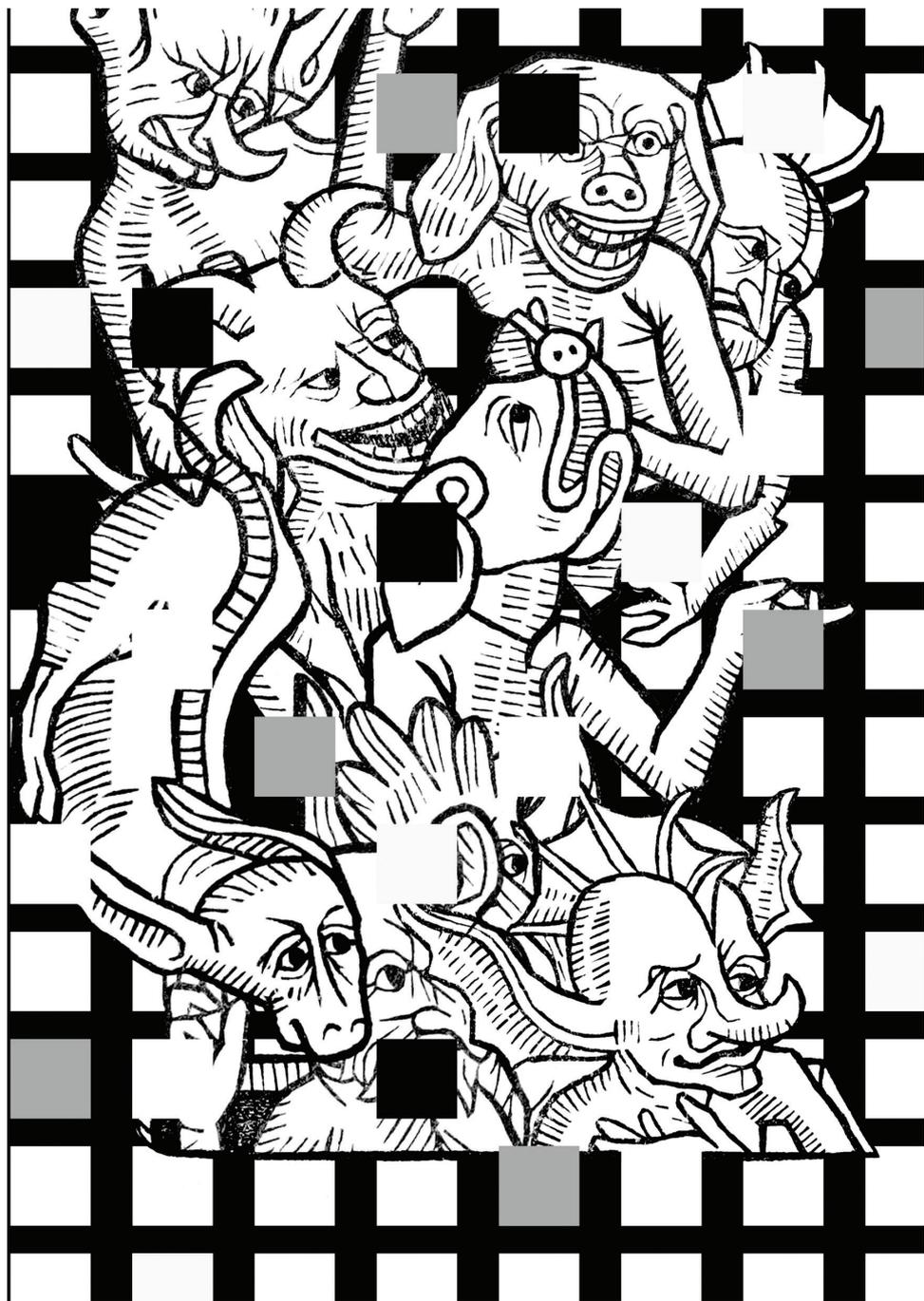
Todo fim de festa é infeliz a seu modo. Cansado, sujo e sóbrio (CSS), não cogitei participar do *after*, que ocorreria no mesmo lugar, mas, ao mesmo tempo, não. (Alguma coisa assim; na hora também soou confuso e a informação já não me interessava). Do lado de fora, aguardava o táxi sentado. Ouvia atrás de mim o policial civil Luís Boça conversar com um casal que também parecia o Boça enquanto outro policial civil, mais velho, interrompia esporadicamente o Luís Boça com visível impaciência.

Passados quase dois meses, lembro de Mills com clareza. Ele é o pivô; o centro das memórias e o que me responde por que, afinal, estive lá. Espero ter traduzido algo da narrativa em que pude imergir. Só voltei a uma festa seis semanas depois: era a festa junina da Paróquia Imaculada Conceição do Guabirotuba. Havia chope, cachorro-quente e uma bela fogueira, mas as caixas de som falhavam.

A educação pelo pânico

Sebastião Nunes (ilustrações de Gustavo Piqueira)

Trecho do livro *Um Caso Liquidado*, Lote 42, 2019



I.

Não por fulgurações, mas por palpitações, como se alguém subisse correndo a escada escorregadia de teus neurônios: ela, a morte, desesperadamente próxima.

O primeiro ataque ocorreu num precário campo de aviação, e lá vinha ele, através de meu pai e sua espingarda cartucheira italiana de dois canos, mas não pensem que as coisas tenham uma sequência lógica. Não: tudo se atropela na maior desordem.

Então, como descrever o ataque e os processos de superposição de ondas, sempre mais e mais altas, todas te afogando, porque a primeira sustenta a segunda que sustenta a terceira que sustenta e todas subindo umas nas costas das outras, e você só com o nariz de fora?

Mas tudo isso é literatura, senhora minha. Talvez seja possível quem sabe aproximar-se alguém do pânico da seguinte maneira:

De surpresa.

E tudo o que se pode fazer nessa aproximação é situar o primeiro ataque: nove anos, calça curta, pai caçando codorna, campo de aviação, quilômetros de capim alto, casinha aos pedaços e, de repente, a primeira onda, a primeira golfada como se o sangue, o medo pavoroso, o terror mais puro, lapidado como diamante coruscante pelos martelinhos sagrados de desespero.

Com as palavras quem puder explicar.

II.

Lembrete para o segundo ataque, seis anos mais tarde: a professora de desenho morta de derrame depois do cinema de sábado à noite. No sábado seguinte, a fulgurante punheta depois do cinema e então ele entrou. Pelos poros, pelos olhos, pelo nariz. Absorvente na escuridão do quarto antigo de porta maciça e janelas maciças e assoalho maciço e telhado de telhas sem gretas onde fiapos de luz sumiam no breu.

III.

Uma das estratégias mais bem-sucedidas do pânico é escolher um dia de ressaca, quando o corpo está fraco e a cabeça indecisa entre pensar o corpo ou pensar os sonhos. Ele então se aproveita, descobre uma brecha e bem devagar se insinua, até que a tua resistência esteja exangue moribundamente.

Uma pequena dor de barriga, um peso sobre os olhos, um leve adormecer no braço, tudo é pretexto. Se existe qualquer sentimento de culpa rondando a vítima (uma frase fora de hora, uma agressão anormal ontem de noite), um namoro fracassado, uma esperança desfeita), melhor ainda para o pânico: a vítima está perdida, como mocinha na rua deserta e o vampiro de Curitiba à espreita.

Mas se você está duplamente bem, cabeça clara e ombros largos, o pânico recua temeroso. Ou fica só rondando

meio sem graça. Porque o pânico não é sutil nem delicado, mas ataca como um rinoceronte, de cabeça baixa, atropelando tudo, sua couraça forçando a guarda, e seus mil quilos de potência concentrada.

IV.

Se o pânico te odeia?

Talvez sim. ... possível que o pânico seja apenas o ódio que você tem por você mesmo, essa contraditória pendulagem, tudo no nível estritamente pessoal, direto, individual, porque o pânico é completamente individualista.

No fundo, o pânico não tem ideologia nem reconhece boas causas.

V.

Um dos fatores de exacerbação do pânico é o fracasso. Como um vulcão, ele é latente, potencial, esperançoso. De concreto e imediato, a fragilidade da vida e a inesperada preponderância da morte.

(Todos os meus trabalhos fundamentais, para mim, é claro, tiveram coautoria do pânico e revisão da morte, a quem de público agradeço.)

Certa vez os ataques se sucederam até alcançarem a média de um por semana. Imagine só: toda semana, pelo menos um momento (a duração dos ataques varia entre alguns minutos e duas horas) de pavor absoluto, de solidão absoluta, de desespero absoluto, se alguém sabe que diabo é isso: absoluto. E depois pelo menos mais uma hora de cansaço absoluto, como se você tivesse esgotado todas as forças numa tarefa absurda. Ou absoluta.



A Manuel Bandeira, sobre Teresa, aguardo resposta, sinceramente

Isabelle Culpi

Teresa era engraçada, Teresa parecia louca. Tinha olhos mais velhos que o resto do corpo e pernas estúpidas. Esdrúxulo, Bandeira, esdrúxulo, às vezes parece que você não tem modos. Teresa desbravava palavras, as sentia na ponta da língua, no meio do peito, nas pontas dos pés, e as esparramava pela casa inteira. Algumas acabavam perdidas e outras se escondiam até finalmente serem cuspidas em meio a uma angústia qualquer, ou até uma angústia específica, doída, gigante, atemporal. Teresa sumia com o tempo, com a palavra Tempo, deixava o tempo de molho (depois, para achá-lo, se desdobrava em três: dia, minuto e hora, e então haja quem aguentasse, quem engolisse seco e enfrentasse o nó da garganta) e fugia descuidada até o abismo mais próximo e caía até...

Quarta-feira, meio-dia, te espero no portão.

E esquecia que portão era,

E esquecia quem a esperava,

Como se nunca tivesse sido esperada por ninguém em portão nenhum.

Teresa sorria um sorriso que deixava qualquer um em casa, entregue à porta, apertando a campainha, espiando pela janela, e aproveitava pra arrancar os dedos sempre que pensava em escrever, arrancá-los antes que fosse tarde demais, ou cedo demais, ou até mesmo quando já era muito tarde ou muito cedo e nada havia a ser feito a não ser o que já se fazia. E então saía andar pelas calçadas como se fosse invisível, como se não estivesse passando reto por tantos que ainda esperavam por ela toda quarta-feira meio-dia no portão. Desviava perguntas, preposições e pontos finais, equilibrava-se entre a rua e o meio-fio e enchia de vírgulas avenidas inteiras. Respirava um Ar maiúsculo, sentia-se livre, piscava liberta, e só não gritava liberdade porque voz é substantivo abstrato e nessas coisas não se toca, não se mexe, deixa quieto, nada melhor a ser dito do que não ter nada para dizer.

Teresa ardia com urgência entre o azul e o amarelo, incansável, ininterrupta, exposta até a última ferida.



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com



Nayara C. P. Valle

A TRINCA DA PORTA ESTREITA

Sempre desconfiei
na vida não teria guarida
Minha mão nunca estendi
a qualquer punhado de terra
Me ensinaram que não pertencço
meu chão não é neste mundo
há algo melhor me esperando
do outro lado do limbo
Sempre desconfiei
amar a estadia na Terra
tecendo tempo e memória
no solo que nunca foi meu
Proibido o riso, proibido o gozo
Sonhar desbravando a sorte
ato bárbaro e perigoso
Equilibrada entre a alegria e o choro
fiz as malas e cruzei a estrada
No olhar de contínua despedida
permanece algo que assombra
a voz obstinada e perversa:
nada é seu, por que continua?
Perambulo acumulando pedaços
das coisas que imantam a morte
do trabalho só tenho o asco
do amor só tenho o nome
a maioria é minha inimiga
são linhas de frente os meus dias
Desde que nasci, morro bem rapidamente
mas a coragem do fuzil no peito
é devagar o suficiente.



POEMAS DA MEIA NOITE (E DO MEIO-DIA)

WILLIAM SOARES DOS SANTOS
ED. MOINHOS

Quando os “Poemas da meia noite (e do meio-dia)” chegaram até nós, imaginamos que entrávamos imediatamente num universo com uma circularidade particular. A começar pela imagem de capa, pintada originalmente em aquarela pelo autor, mostra duas esferas levemente interseccionadas, articulando uma dimensão “cheia” e outra “vazia”, prontas a se eclipsar uma na outra e abrir a dimensão estética da leitura como num clarão.

William assume estrofes que exaltam a beleza de poder romper com o ritmo vital linear; a vida pode andar em esferas nas quais podemos cair em segurança. O poema mostra que noite e dia, luz e escuridão, não é mais do que uma percepção que temos do movimento que estamos fazendo: Só há sol / em intervalos / de sistemas / que dançam.

Os poemas nos conduzem por um caminho que vai da totalidade à ruptura. Aos poucos, vemos que a circularidade que pensávamos adentrar jamais é completamente pacífica na literatura. Alguns “ecos íntimos” trazem claras referências às influências literárias do autor, que vão desde Manuel de Barros a Stephane Mallarmé. Assim, encerra-se o trabalho cíclico do poeta, que, de sol a sol, passa pelo meio-dia e pela meia-noite a apanhar a poesia do universo em um movimento infinito de abertura de si.

Morgana Rech & Tânia Ardito

Vendo a chuva escorrer

André Vilani

Casa. Essa nunca foi uma das minhas palavras preferidas. Curta e ingênua demais para representar algo concreto, sempre me pareceu um pouco mentirosa. O "c", imponente, pronunciado como um "k", e o "s" querendo se passar por "z", entre as paredes do "a": kaza. A primeira da qual tenho lembrança era uma casa de verão, bem arrastada, com barro nas paredes. Guardava um jardim, com um quintal de serrado, pequizeiros pintados de cal até a metade do tronco e jabuticabeiras que cresciam ao fundo. Beijinhos bem cuidados contornavam a cerca até a parte da frente e coloriam o terreno. Vó Lúcia sempre tinha de replantá-los depois de janeiro, quando as chuvas eram intermináveis e alagavam os canteiros marcados no gramado.

Vó Lúcia era uma muito ocupada, trabalhava demais. Saía para dar aulas na escolinha da cidade, tentando ensinar matemática, literatura e ciências a criancinhas imundas, que mal sabiam ler, mas que conheciam várias outras

coisas que a gente não aprende na escola. À noite, quando voltava, resolvia todos os problemas da casa. Preparava o jantar, lavava os pratos, apagava as luzes. Meu pai estava sempre em casa, só olhando.

Eu ainda gostava da casa na época, por mais estranho que essa sensação hoje possa me parecer. Lembro das galinhas, da minha coleção de canetas e dos beijinhos da Vó Lúcia. Tudo lá em casa.

Durante o verão, o calor era quase insuportável. Não havia quem resistisse a cair na piscina do clube, tomar banho de mangueira no final da tarde, sujar os pés de barro. Ainda assim, não havia como evitar o suor escorrendo pela testa, até a cintura. O bafo umedecido transformado em pele, camada espessa de fumaça quente, que grudava sem querer soltar, que vestia como casaco por cima dos ombros. A única saída era a chuva. Ela vinha com o vento que soprava do alto do morro, descia a encosta e chegava na forma de garoa fina, soltando aquele cheiro molhado

que as pessoas dizem ser tão gostoso. Era uma coisa bonita de se ver, a chuva respingado na lagoa.

Mesmo sabendo da chuva inevitável, saíamos de casa atrás do que fazer. Eu saía sempre de bicicleta, sem levar guarda-chuva. Íamos para a casa do Vicente, comer bolo e brincar de alguma coisa.

Uma vez parei para encontrar a Tuca no meio do caminho, antes de chegar no Vicente, e pedi a ela que me emprestasse uma de suas gominhas de amarrar o cabelo. Descemos a ladeira sem apertar os freios para chegar na lagoa e seguir a tempo de pegar as primeiras fatias do bolo. O espelho d'água estava agitado e o vento já vinha batendo contra a superfície. Apostamos corrida até chegar no portão da casa do Vicente. Cheguei antes e fiquei esperando a Tuca, que, mesmo apressada, pedalava de perna solta.

O cheiro doce do bolo vinha desde lá da sala de visita. Fomos entrando e eu tirei a gominha dos cabelos. Sacudi

a cabeça para desgrudar a franja suada das pedaladas. Tuca continuou com o arco no alto da cabeça, perfeito do jeito que estava.

A tia do Vicente que tinha feito o bolo. Ele sempre dizia que gostava mais do que a mãe dele preparava: bolo de cenoura com cobertura de chocolate e raspas de coco queimado.

Ninguém tinha conhecido a mãe do Vicente e ele só falava dela escondido do pai, que era capitão do exército e por isso não mencionava o passado.

Eu achei que o bolo estava muito bom, era de cenoura e também tinha cobertura de chocolate. O Vicente, mesmo assim, continuava reclamando, baixinho, sempre olhando para o pai com o rabo do olho para conferir.

Depois de comer, saímos para o quintal e fomos brincar de polícia e ladrão. Corríamos de um lado para o outro, para fugir da prisão, para apanhar bandido. Tentávamos não gritar para não incomodar a tia do Vicente, mas ela até que estava sorrindo, vendo a criançada jogar e o Vicente se divertir na grama. Dobrei a barra do short para cima dos joelhos e dei um nó nos cabelos. Já não sabia onde tinha deixado a gominha da Tuca. Lembro de sentir a nuca fresquinha, abanando.

O pai do Vicente saiu de dentro da sala e pôs-se sentado, ao lado da porta. Achei que ele não gostava dessa história de sermos ladrões, mesmo que de brincadeira. O pai do Vicente tinha orelhas de velho e o queixo reto, muito fino. As sobrancelhas pontudas moldavam ombros de seriema, que caíam da figura estreita. A boca tracejada no rosto completava o retrato de soldado. Ele batia o pé baixinho, sentado no banco, enquanto nos vigiava e lia o jornal.

Foi quando começaram a cair os primeiros pingos d'água. Senti a grama morna e o barro se formando embaixo

dela, sulfuroso nos dedos. Nossos pés já começavam a soltar a cor da terra.

Tuca saiu correndo com os primeiros pingos, entregou-se sem titubear e disse que poderia ser presa, só para ir para a varanda coberta, que fazia as vezes de cativado. Eu e o resto da turma ainda continuamos jogando, até onde a chuva deixou. Mas, passados alguns minutos, fomos todos obrigados pela água a nos render. Me arrastei para a varanda, junto com todos os bandidos capturados e os policiais molhados.

Já estava ficando tarde e tínhamos que voltar cada um para sua casa, porque as nuvens traziam a noite mais depressa. Eu havia prometido à Vó Lúcia que estaria pronta para o jantar antes que ela voltasse da capital, enquanto meu pai ficaria em casa.

Com aquela chuva, porém, era impossível usar as bicicletas. O pai do Vicente se levantou atento, dobrou o jornal e se ofereceu para nos levar até em casa. Apenas as meninas, eu e a Tuca, pois os meninos não eram de açúcar. Não entendi o comentário, mas, de fato, não queria subir de bicicleta o morro de terra, que agora devia estar mais para um lamaçal se despencando em nacos de chão.

Tirei os chinelos molhados e entrei no carro. Tuca me seguiu, cobrindo os cabelos com as mãos para não estragar o cabelo. O pai do Vicente ligou a chave na ignição e saiu da garagem com as janelas do carro ainda abertas. Foi fechando até virar o quarteirão, rodando a manivela.

A chuva ainda não havia alcançado a lagoa. Passamos rápido pela orla e o pai do Vicente puxou do porta-luvas uma caixa cheia de CDs. Colocou para tocar um álbum da Whitney Houston, sob o pretexto de que não gostava do barulho da água batendo no capô do carro. Ele nos mirou pelo retrovisor enquanto eu e Tuca

sorríamos pelo canto dos olhos.

Fomos primeiro à casa da Tuca, que morava mais perto. O carro encostou bem próximo ao meio-fio. O pai do Vicente se levantou e nos disse para ficarmos ali. Tocou a campainha e, antes que ouvisse uma resposta de dentro da casa, bateu algumas palmas. Uma voz conhecida respondeu lá de dentro, gritando. Tuca arrumou a mochila, certificando-se de que não estava esquecendo nada em cima dos bancos. Apertou as sandálias e ajeitou mais uma vez o arco no alto da cabeça. Antes de sair do carro, comentou sobre a música. Não era melhor que o barulho da água caindo sobre a lataria do carro.

Sorri de volta, achando graça da apertada que a Tuca dava nos olhos quando ria escondido. Os passos do pai do Vicente soaram de volta nas poças acumuladas na calçada. A porta do carro, que havia ficado aberta, fechou de uma vez só. Alguns pingos escorriam de dentro do painel do carro.

Seguimos pela avenida principal, correndo do temporal. Seriam menos de cinco minutos até chegarmos à minha casa. Pulei para o banco da frente, a pedidos do pai do Vicente. Um terço ia pendurado no espelho, com uma imagem da Nossa Senhora pregada em uma medalha. A santa balançava com os buracos da rua e estava quase sempre de costas. De vez em quando ela olhava para mim, não sei se desconfiada ou se confiante, sacolejando para cima e para baixo.

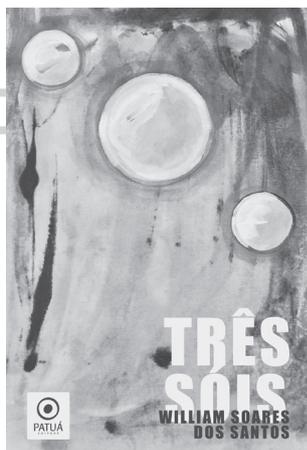
Quando chegamos à minha casa, o pai do Vicente saiu do carro embaixo da chuva e tocou a campainha, abrigando-se sob o pequeno telhado que ficava por cima do portão, enquanto o barro respingava nas paredes da casa.

Não houve resposta do lado de dentro. Tocou mais uma vez e esperou. Sorriu. Voltou em direção

ao carro, abriu a porta e perguntou se eu tinha as chaves de casa comigo. Sem responder, saí do carro e fui em direção ao portão, já com as chaves na mão e andando depressa para não me molhar muito. Não teve jeito, demorei até conseguir girar a fechadura e, depois de abrir o portão, ainda tivemos que passar pelo jardim até chegar à porta da casa. O pai do Vicente veio logo atrás de mim, olhando em volta. Os beijinhos da Vó Lúcia pendiam úmidos e começavam a se desmanchar.

Ao entrar em casa, fui logo arremessada para frente. Minha cabeça forçada para baixo, próxima ao parapeito da janela que dava para o quintal. Por debaixo do braço, pude ver as pernas do pai do Vicente, bem próximas de mim. A mão do pai do Vicente na minha nuca, apertando. Olhei para frente, em direção ao quintal e gritei. Os cachorros do vinho, presos, uivando que só. Soprava um vento escuro, que varreu de uma vez o pó de terra da grama. É vento de água, sussurrou perto do meu ouvido, ofegante, enquanto a chuva engrossava. Choveu sem parar. Minhas bochechas bateram na janela. Os joelhos do pai do Vicente flexionados. Eu podia ouvir a água caindo lá fora, ritmicamente, como quando se viaja de trem. A água morna nas entranhas do chão de terra, o ar sufocado e os sussurros no meu ouvido.

Os beijinhos da Vó Lúcia, desmantelados, agora formavam uma colcha de retalhos na terra suja. O pai do Vicente puxando a minha cintura com força. E lá no fundo, escondendo-se na churrasqueira, estava meu pai, meio de pé, com os ombros tombados e os olhos fixos na minha direção. A água escorria pela janela, minhas pernas também escorrendo e meu pai, estático, continuava olhando.



TRÊS SÓIS

WILLIAM SOARES
DOS SANTOS

ED. PATUÁ

"Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, "sem pano para esfinge,/sem sombra alheia". Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que "a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços"."

Adriano Espínola

Paulo César Pinheiro e Dori Caymmi

Quebra-mar

É bonito de se ver
A lua embranquecer
O mar, de madrugada,
Em frente ao quebra-mar

É bonito de se ver
A água incandescer
Na praia enluzada
Cegando o nosso olhar
E no veludo desse céu azul
Brilha o medalhão da Cruz do Sul
No cordão de prata do luar

É bonito de se ver
A aurora avermelhar o céu
No horizonte cintilar o anel
De ouro velho do astro-rei no ar

É bonito de se ver
O vento estremecer
A vela da jangada
Na tela azul do mar.

Luiz Biajoni

Trecho de *Quatro Velhos*, Editora Penalux, 2019

1.

Orlando e Cecília Fioravante moravam na mesma casa há cinquenta e dois anos, desde que se casaram, em 1962. Lando tinha 22; Ciça, 20 anos. A casa era diferente do que é hoje, menor, presente do pai de Ciça, o Comendador Schmidt. Lando foi reformando e ampliando. Quando achou que ela estava boa e confortável, Ciça engravidou, tardiamente — dez anos depois de casados. Com a ajuda de um primo engenheiro, fizeram outra reforma para a construção de um quarto para o filho, André, que nasceu em 1973. Boa parte das economias de Lando foi consumida nessas reformas e na educação do filho — eles quiseram o melhor para o garoto.

Os pais de Lando morreram sem deixar herança, a não ser um mobiliário gasto e um toca-discos alemão em ótimo estado, um Perpetuum Ebner 1950, assim como alguns LPs velhos e empoeirados. O que tinha sobrado da estimada fortuna do Comendador, pai de Ciça, foi dividido entre três filhas

oficiais e dois filhos bastardos — Ciça usou o dinheiro para a faculdade de André, na Califórnia. Em 1992, Lando aposentou-se como ferramenteiro na Goodyear Pneus, uma aposentadoria especial com bônus de insalubridade; Ciça nunca trabalhou fora. Em 1994, eles estavam sozinhos: os pais de ambos haviam morrido, o irmão mais velho de Lando e as duas irmãs mais velhas de Ciça, também; e André estava morando com uma garota em Sacramento, CA, trabalhando em uma agência de publicidade. Nos anos seguintes, André vinha ao Brasil com regularidade, em especial para as festas de final de ano ou para o aniversário da mãe, em junho. Mas as visitas foram rareando — agora eles se falavam pelo telefone vez ou outra, protocolarmente.

A casa tinha ficado grande para eles, mas jamais pensaram em sair dali. Ela ficava numa quase esquina, com muros baixos e um jardim na varandinha, de onde era possível ver a grande praça do bairro na esquina perpendicular. Em fins de tarde, Lando e Ciça sentavam-se ali e ficavam observando

o movimento, as crianças brincando, sentindo a paz de morar em um local sossegado e seguro em uma cidade de médio porte. Nos fundos da casa, havia o “rancho” — um puxadinho coberto onde Lando mantinha sua bancada de ferramentas para pequenos consertos, experimentações, passatempo. Ele gostava de cortar madeira, criar cadeiras ou pequenas esculturas, apoios para panelas, molduras, retratos. Vivia consertando coisas para os vizinhos e presenteando as pessoas dali com o que produzia. No rancho, Lando usava também a vitrola antiga do pai, onde ouvia suas musas, como as chamava — os discos antigos, dos quais ele cuidava com esmero, eram obras de Anita O’Day, Peggy Lee, Rosemary Clooney, Helen Merrill e Judy Garland, entre outras cantoras brancas de jazz. Ciça cuidava do jardim, cozinhava e via TV. Eventualmente, conversava com as vizinhas ou ia ao mercadinho do bairro. Lando tomava cerveja e cochilava numa espreguiçadeira após o almoço, ouvindo música.

CASA

5 anos!

- Agenciamento Literário
- Leitura Crítica de Originais
- Assessoria de Imprensa para Lançamentos de Livros

🌐 casaprojetosliterarios.com.br

f @casaprojetosliterarios

Sam Savage

Trecho de *Cartas de um escritor solitário*, Planeta, 2009

COMUNICADO À IMPRENSA

Sabonete, aclamada revista literária de circulação nacional, tornou público os seus planos de um festival literário anual. Embora há vários meses circulem rumores nas rodas literárias a respeito de um festival desse tipo, esta é a primeira declaração oficial da própria revista.

Numa correria coletiva de imprensa num hotel do centro, Andrew Whittaker, editor do *Sabonete* e um dos coordenadores do evento, anunciou que o tema deste ano do festival será “Por dentro do avesso”. “Queremos incentivar o diálogo entre escritores contemporâneos de primeira linha e o público em geral, para tentar

pôr um fim à hostilidade e à desconfiança que prevalecem de ambos os lados. É uma via de mão dupla”, explicou Whittaker. Em outro ponto descreveu essa controvérsia como um “grande mal-entendido” e um “sanduíche de pão com pão”.

Whittaker diz esperar que o evento deste ano atraia “três dezenas ou mais” de escritores e poetas, de todo país e da Europa. Diferentemente de outros festivais literários, que, segundo Whittaker, tem “proliferado como pulgas” pelas cidades pequenas do país inteiro, os escritores que estão no Festival *Sabonete* não são aspirantes sedentos por publicidade.

